



Araribú-mirim, do Amazonas, teve participação ativa no encontro de índios.

Índios denunciam invasão de terras

Defendendo a luta pelos seus direitos, o bem estar do seu povo, a igualdade entre os seres humanos, além de denunciarem a invasão das suas terras por grileiros, com a convivência da Funai, os índios alagoanos se reuniram durante todo dia de ontem no auditório da Reitoria, num encontro promovido pela Sociedade dos Direitos Humanos, sobre a Coordenação do Antropólogo, professor Clóvis Antunes.

Representantes de todas as tribos alagoanas - Kariri-Xoco, Xucuru-Kariri, Wassu e Tingui - estiveram presentes neste encontro, prestigiado também por outras tribos nordestinas: Fulnio, Xoco, Pan-kararu e Potiguar, que abordaram o sofrimento do povo indígena, ao tempo em que criticavam os brancos por não aceitarem o convívio do índio na sua própria terra.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO

No encontro, os indígenas aprovaram a criação de uma Comissão Pró-Índio, entidade que será normalmente ligada à Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos, cujo

objetivo será reunir os caciques, pajés e conselhos de tribos para discutirem os seus problemas. Além dessa foi aprovada também a Comissão Estadual do Índio, composta apenas por elementos da mesma raça.

Um destaque neste encontro, foi a participação do Araribú-Mirim, ou seja "O Pequeno Guerreiro", oriundo das tribos do Amazonas que se apresentou espontaneamente na reunião para lutar junto com os demais, em defesa do seu povo. Ele já percorreu todo o Brasil, com a Campanha "Verde-Amarelo", na tentativa de angariar fundos para a sua tribo no Amazonas. Em Maceió ele tomou conhecimento do encontro e veio participar ativamente.

Eduardo Bonfim, presidente da Sociedade de Defesa dos Direitos Humanos em Alagoas, considerou o encontro como histórico, salientando ser esta a primeira vez que acontece um fato desta natureza em Alagoas. Ele destacou a necessidade de se criar um Conselho Estadual Indígena, ligado à União Nacional dos Índios.

Cacique lembra o princípio da igualdade entre os homens

"A igualdade entre os homens, sempre foi um princípio defendido por Deus, portanto devemos lutar ativamente pelo bem estar dos nossos grupos". A observação foi feita pelo Cacique Celestino da Tribo Xucuru-Kariri, de Palmeira dos Índios, ao denunciar a invasão na Cafurnas.

O cacique apresentou um projeto para ser enviado a Funai, solicitando a instalação de um Mini-Posto com enfermarias e um grupo escolar nas Cafurnas, para dar mais assistência ao seu povo, "atualmente sem condições de continuar lutando contra os males da vida, justamente devido a falta de assistência".

AS MANCHETES CONTRA OS ÍNDIOS

Por sua vez, "O Pequeno Guerreiro" do Amazonas, lembrou atuação dos órgãos de comunicação contra os índios, deturpando a sua luta com manchetes fabricadas para continuar massacrando a raça. Segundo ele, os jornais, as rádios e a televisão, ainda apresentam o índio como um verdadeiro monstro, e por isso eles são refutados pela sociedade.

"A questão é que todos só apresentam o índio matando, os pais não se preocupam em ensinar aos seus filhos o papel do índio na formação cultural do Brasil, que é nosso; enfim, tudo isso gera um verdadeiro descontentamento do povo se posicionando contra nós". Disse ele.

Araribú-Mirim, o índio do Amazonas, lembrou ainda que teve de levar sua mulher a um médico no Paraná e este não o atendeu pelo fato de serem índios. Revoltado ele mostrou a todos que o Brasil é do índio, pois "foi o índio a primeira pessoa a habitar esta terra, posteriormente invadida por Pedro Álvares Cabral, que já chegou matando o nosso povo".

Falando sobre as manchetes na imprensa ele destacou uma revista paulista, que dizia: "Massacre dos Caiapós". A matéria citava uma luta de índios contra os brancos onde várias pessoas haviam sido feridas e algumas mortas. Para o índio a manchete da revista deveria ter sido a seguinte: "Grileiros armados, invadem terras indígenas e são repelidos".

Indígenas pedem ao governo que conceda licença a Mário Juruna

"A gente é quem somos índios, e não a Funai que é a gente, para ditar as normas". A frase foi pronunciada pelo índio-operário Hibis Menino, ao denunciar o aliciamento da Fundação em cima de alguns índios, inclusive, fabricando um para substituir, o grande Cacique do Brasil Mário Juruna, no Tribunal de Bertrand Russel, na Holanda".

Hibis, é da Tribo Wassu de Joaquim Gomes, mas hoje, trabalha como operário na Salgema, atuando inclusive, como Operador de Painele e Operador Chefe da Salgema, dois cargos considerados importantes, pelos quais tem sofrido grande discriminação dos patrões que o sobrecarregam de serviço, trabalhando 16 horas por dia.

Ele juntamente com os demais índios defendeu a participação de Juruna no Tribunal de Bertrand Russel, e pediu a exemplo do Cacique Celestino o apoio dos Ministros, advogados e operários e da própria União Nacional dos Estudantes, para que o Gover-

no conceda a licença para a viagem de Juruna.

Empolgados, os índios reunidos defenderam a luta pela bandeira da paz e condenaram a invasão de fazendeiros e pistoleiros nas reservas que ainda restam no País. Hibis, inclusive, citou que o seu povo na tribo Wassu, possuía cerca de 57 mil alqueires de terra, "mas os brancos a tomaram toda, restando-nos agora apenas 300 alqueires, isso porque nem plantando mandacaré dá".

A necessidade de continuar a luta pelas suas terras foi uma constante no I Encontro de Indígenas de Alagoas, afirmando que este trabalho será por demais árduo, "mas mesmo assim vamos lutar pois o homem só morre quando não tem mais esperança, e nós estamos aqui vivos dispostos a isso".

A questão para os índios está justamente nas suas terras, hoje completamente resumidas e eles deixaram claro no encontro, "que não solicitamos esmolas de ninguém, afinal temos os nossos direitos e queremos que eles sejam respeitados".